

A POÉTICA DA CASA NA OBRA DE BRÍGIDA BALTAR, JOSÉ BECHARA, LOUISE BOURGEOIS E SANDRA CINTO

ARAUJO, Adriani Ferreira de¹; FREITAS, Martha Gomes²

¹UFPEl – Bacharelado em Artes Visuais; ² UFPEl – Centro de Artes, gofre@brturbo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa em construção de cunho teórico que visa a respaldar o trabalho de conclusão de curso. Neste estágio, buscou em bibliografias sobre a produção dos artistas, exclusivamente da arte contemporânea, a delimitação das obras que sugerem o universo da casa. Este trabalho está centrado no estudo da poética da casa na produção de Brígida Baltar, José Bechara, Louise Bourgeois e Sandra Cinto, com o objetivo de identificar diferentes percepções e relações sugeridas por estes autores e/ou artistas.

A casa é uma habitação, lugar que acompanha a humanidade desde os homens das cavernas até a atualidade. Ela serve para abrigo, descanso e para que seja possível guardar os diversos pertences que se acumulam no decorrer de uma vida. Desde as paredes frias de uma caverna até as casas mais confortáveis dos dias contemporâneos, ela se faz presente na vida de todas as pessoas.

Se pensarmos a materialidade de que são feitas, podemos apontar inúmeras possibilidades, como pedra, gelo, tecido, palha, barro, tijolo, madeira, metal, couro, entre muitos outros que se possa citar, considerando-se aspectos climáticos, geográficos e culturais.

Mas, se pensarmos para além da casa material, ela é um espaço íntimo, *porque a casa é nosso canto no mundo* (BACHELARD, 1998, p. 24), é um lugar que se pode inclusive nascer e morrer, deixando os vestígios de um tempo vivido neste espaço tão ímpar.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia se desenvolve a partir de estudos de bibliografias que abordam a casa na obra de artistas exclusivamente no contexto da arte contemporânea. A escolha do objeto de pesquisa surge com o conhecimento de certos artistas que foram apresentados no decorrer dos estudos em sala de aula e em ateliês. Partiu-se, então, para a seleção destes dados referenciais, esculturas, instalações e intervenções, os quais, na sequência, foram identificados nas peculiaridades do modo como constroem o imaginário da casa. Do condomínio de poéticas desvelado pela justaposição dessas produções, procurou-se, ainda, estabelecer relações, proximidades e distanciamentos entre a forma como os artistas concebem as suas casas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As diversas manifestações artísticas sobre o imaginário da casa carregam consigo um tempo comprimido, existe um inconsciente agindo na intimidade dos espaços ou não espaços construídos tanto pelo artista, na produção do sentido, como no espectador, pertencente àquilo que sua memória constrói e seu corpo apreende.

Para Brígida Baltar, a casa é vista como um lugar produtor de afetividades. Este pensamento acaba sendo a motivação para trabalhos vindos da memória, expressada plasticamente através de tijolos, ou de seu pó, puro ou moldado e ainda desenhos com este mesmo material.

Nas obras *Um Céu Entre Paredes* (2006) e *Floresta Vermelha* (2008), a artista extrai o pó de tijolo ou os próprios tijolos da casa onde morou, leva para o espaço expositivo, constrói as obras e cria toda uma presença expressada pela cor do material, seja nos desenhos nas paredes, seja nos delicados tijolos que se acomodam sobre um piso de tábua corrida, e ainda com o pó que preenche as frestas do piso em madeira trazendo como os autores vistos dizem, sensibilidade e aquecimento visual. A afetividade das relações com a casa de Baltar pode ser levada para qualquer lugar que a artista determine, e desta maneira, poderá transportá-la e reinventá-la a todo tempo como nos mostra recorrentemente em sua poética.

A delicadeza e a afetividade na obra de Brígida Baltar está em completa oposição à obra de José Bechara que em *A Casa* (2002-09), como o próprio artista descreve, provoca *uma inversão ou um desvio na perspectiva da moradia, que "vomita" os objetos e utensílios que lembram a presença humana e têm sua escala; não só a escala física, aquela das coisas feitas para o uso doméstico, mas também aquela gravada na memória das pessoas.* (BECHARA, 2006, p. 8).

Quando Bechara expõe o mobiliário doméstico pelas janelas e portas, está expondo a intimidade do interior para o exterior da casa, e é assim que provoca uma reflexão, conforme diz Agnaldo Farias, sobre o contexto da *violência* e o refúgio da casa que acolhe, que ampara, mas que também pode ser abalada por qualquer circunstância que ronda a sociedade.

Esta subjetiva violência que a obra evoca, pode estar tanto do lado de dentro como do lado de fora, é a própria casa que vomita estas informações, ela por si só denuncia esta perturbação de uma arquitetura íntegra, porém, com todo seu interior em movimento de expurgo.

Uma relação tensa com a casa também pode nascer de uma experiência vivida e ser traduzida por meio da arte, por um viés psicológico, pois no caso da obra de Louise Bourgeois a casa cria patas e se transforma em gigantesca aranha *Spider* (1997). Esta configuração tão específica faz uma reverência ao grande amor pela mãe, mas, também expressa as más lembranças e construções de ciúmes que se formaram sobre o pai, que é representado através de toda esta tensão vivida pela própria artista.

Na *Cell Choisy* (1990-93), Bourgeois dispõe uma maquete da casa de sua infância com uma guilhotina sobre ela, pronta para cortá-la. O silêncio está contido na casa branca e a guilhotina vem para a ruptura deste universo, abrindo, e fazendo se esvaziar tudo aquilo que ali dentro está contido, sejam memórias, sejam realidades cristalizadas.

"La casa és cuerpo y alma", dice Gaston Bachelard. Lanzados azarosamente al infinito del tiempo y del espacio para orientarnos recurrimos a ciertas estructuras elementares. La casa, especialmente aquella em la que crecimos, es uno de los principios de integración

fundamentales de nuestros pensamientos, de nuestros recuerdos, de nuestros sueños. (FRÉMON, 2008, p. 11).

A casa permeia toda a obra de Bourgeois que, conforme Philip Larratt-Smith, sempre esteve atrelada às sessões de psicanálise que a artista frequentou até o fim de sua vida.

Ainda pode-se pensar plasticamente a casa pelo seu interior, a partir do mobiliário. Encontramos esta leitura na obra de Sandra Cinto, através das camas, cadeiras, luminárias, malas, mesas, quartos, janelas do lado interno, lâmpadas, entre outros objetos usados. A artista trabalha no interior do espaço ou com móveis que identificam um lugar que é o lugar da casa, que por momentos podem ser como uma cama de madeira apoiada em livros presente em *Imitação da Água* (2010), assim como em outro, uma cama elevada sobre nossas cabeças que se chama *A Ponte Impossível* (1998).

O fato de os móveis estarem no abrigo evoca esta receptividade e este tempo mais vagaroso em reação ao tempo que se passa na rua. Esta lentidão, Cinto traduz em contraposição à velocidade da cidade de São Paulo, lugar onde vive e à necessidade que se faz presente deste lugar que somente a casa tem, de um acolhimento e de um tempo para as relações humanas, ou mesmo para estar consigo, em um mergulho profundo, porém tênue na intimidade e no conforto do que é próprio.

4 CONCLUSÃO

Este texto que teve como recorte os quatro artistas escolhidos e o estudo de obras por eles executadas acerca do universo da casa, é uma versão preliminar de uma pesquisa mais ampla. Apesar de provisório, ele permitiu uma compreensão do modo como a casa pode ser pensada artisticamente e como este pensamento conduz à produção de sentido.

A casa pode ser levada para outros lugares pela memória do material e relação pessoal com o artista, no caso de Baltar, mas pode conter o peso de uma vida e ser, neste processo de criação, um expurgo para as emoções, como no caso de Bourgeois. Pode ser ainda a denúncia de uma violência vivida no interior ou no exterior da casa, aquela que deveria ser sempre um abrigo, embora nem sempre possa sê-lo, como Bechara nos apresenta em seu trabalho. E, por fim, reencontramos o abrigo e o refúgio na obra de Cinto, que através do mobiliário e dos espaços internos nos convida a reencontrar este tempo que é reparador e necessário quando se pensa na vida veloz que o mundo atual nos impõe.

Esta relação do que está dentro ou do que está fora parece permear a obra dos quatro artistas, que transita entre os materiais e como eles são propostos no espaço. Quando um pó de tijolo é levado da casa que foi habitada por muitos anos, para o espaço expositivo e disposto com se estivesse moldado e impregnado naquele local, é uma transposição do tempo passado para o tempo atual. Mas o dentro e o fora também estão na lembrança vivida que está traduzida nas aranhas elaboradas por Bourgeois como referências à mãe. Essas aranhas são casas, pois o ventre materno é o primeiro lugar que se habita e a aranha carrega consigo seus ovos até eclodirem para o mundo. Já o pai deve ser cortado, decepado da memória com a presença daquela guilhotina. E é possível ainda apreender deste estudo que a casa pode expulsar ou recolher, como a elaboram Bechara e Cinto, pois o contexto se dá pela urbanidade: enquanto um pelo temor da violência, o outro pela

velocidade cotidiana e pelo esfriamento das relações. Logo, uma casa vomita e a outra abraça.

A casa reverbera tudo que se diferencia do mundo externo, através destas intimidades presentes em seu interior. Seja pela memória, seja pelas conotações contemporâneas no contexto da vida urbana, a casa evoca este lugar primeiro, onde os sentimentos podem estar contidos e ao mesmo tempo protegidos. A construção plástica pode ser pensada, então, pela tradução de tudo aquilo de mais próximo que possuímos, lembramos ou desejamos.

5 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BECHARA, José. **A Casa**. Rio de Janeiro: Barléu, 2006.

CINTO, Sandra. **Sandra Cinto**. São Paulo: Laserprint, 2002.

DOCTORS, Márcio. **Passagem Secreta – Brígida Baltar**. São Paulo: Circuito, 2010.

FRÉMON, Jean. **Louise Bourgeois Mujer Casa**. Barcelona: Elba, 2010.

LARRATT – SMITH, Philip. **Louise Bourgeois: o retorno do desejo proibido**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2011.